



## O PROTAGONISMO DAS MULHERES NAS COMUNIDADES

### JOANINAS<sup>1</sup>

## THE PROTAGONISM OF WOMEN IN THE JOANINE COMMUNITIES

Silmara Maria Pereira Rodrigues<sup>2</sup>

Edmilson Schinelo<sup>3</sup>

Marcio Bogaz Trevizan<sup>4</sup>

**Resumo:** A presença de discípulas seguidoras de Jesus, nas comunidades joaninas, resgata a dignidade da mulher numa sociedade de cultura e religião patriarcal. Aponta para o início da criação onde mulher e homem como imagem e semelhança de Deus formam uma unidade para cuidar, amar e proteger todo ser criado. Portanto, o tema proposto deseja aprofundar e compreender, a partir de pesquisas e reflexões orantes, o que as Comunidades Joaninas, a partir do testemunho de Jesus, têm a oferecer, testemunhar e ensinar. Assim, buscaremos apresentar inicialmente como era a relação de gênero na história antiga. Depois, a presença feminina no judaísmo bíblico, como também no tempo de Jesus. Seguidamente, os sinais como experiência de fé na comunidade joanina, bem como Maria, a protagonista das Bodas de Caná. A partir dos passos das apóstolas e discípulas de Jesus: a Samaritana, Maria de Mágdala e, finalmente, uma apóstola mártir do nosso século, Ir. Dorothy Stang. Com isso, esperamos colaborar para que o mundo aprenda a tecer relações livres de preconceitos, livres de culturas excludentes, livres para ser o que todas as pessoas foram chamadas a ser por Deus, seu Criador, ou seja, ser e viver plenamente o amor: a Deus, a si mesmo e a todas as pessoas.

**Palavras-chave:** Encontro com Jesus. Mulher. Apóstolas. Comunidade.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão do Curso de graduação em Teologia, pela Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, 2021.

<sup>2</sup> Bacharel em Teologia pela Universidade Católica Dom Bosco. Monja beneditina há 20 anos, no Mosteiro do Salvador, na cidade de Salvador-BA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0625-9035>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9239939517846142>. E-mail: [irsimlarateologia@gmail.com](mailto:irsimlarateologia@gmail.com).

<sup>3</sup> Graduado em filosofia pela antiga FUCMT, atual Universidade Católica Dom Bosco (1991), graduado em teologia pela Pontifícia Universidade Nossa Senhora da Assunção (1997), especialização em Assessoria Bíblica pela Escola Superior de Teologia (2005) e mestre em Teologia pela Escola Superior de Teologia (2011). É professor do ITEO-MS e na Universidade Católica Dom Bosco. É escritor. É assessor/colaborador do CEBI – Centro de Estudos Bíblicos. É assessor de movimentos populares. E-mail: [edmilson@ucdb.br](mailto:edmilson@ucdb.br).

<sup>4</sup> Graduação em Teologia pela Faculdade Dehonina; Graduação em Pedagogia - UNIGRAN; Graduação em Filosofia (UNISUL); Especialista em Teologia UNIFAI SP; Especialista em Educação à Distância (2014); Mestre em Educação pela UFGD (2011); Doutor em Filosofia na *Universidad Católica Argentina* (UCA); Professor de Filosofia e Teologia da Universidade Católica Dom Bosco. E-mail: [trevizan.marciob@gmail.com](mailto:trevizan.marciob@gmail.com).

**Abstract:** The presence of disciples who follow Jesus in the Johannine communities rescues the dignity of women in a society of patriarchal culture and religion and points to the beginning of creation, where woman and man, as the image and likeness of God, form a unit to care, love and protect every created being. Therefore, the proposed theme seeks to deepen and understand, from research and prayerful reflections, what the Johannine Communities, starting from the witness of Jesus, have to offer, witness and teach. Thus, we will initially seek to present examples of how the gender relationship was in ancient history, the female presence in biblical Judaism and also in the time of Jesus. Next, we will discuss the signs as an experience of faith in the Johannine community, as well as the role of Mary, the protagonist of the Wedding at Cana, and also from the steps of the apostles and disciples of Jesus: the Samaritan woman, Mary of Magdala, and, finally, a martyr apostle of our century, Sister Dorothy Stang. With this, we hope to help the world learn to weave relationships free from prejudice, free from exclusionary cultures, free to be what all people were called to be by God, their Creator, that is, to be and live love fully: to God, to himself and to all people.

**Keywords:** Meeting with Jesus. Women. Women Apostles. Community.

## 1 INTRODUÇÃO

As comunidades joaninas, a partir da sua relação de amor, da sua experiência de fé em Jesus, o Verbo eterno de Deus, testemunha a hospitalidade e o acolhimento a todas as pessoas, independentemente de cor, religião, cultura e poder aquisitivo. De fato, nos sinais que as comunidades joaninas testemunham, encontram-se mulheres e samaritanos, pessoas excluídas ou desprezadas da sociedade da época. A reviravolta acontece em Jesus, que vem da descendência de uma mulher e por meio de uma mulher, Maria. Como rabino, ele tem discípulas, já que “as mulheres são, pois, parte integrante e principal da visão e da missão messiânica de Jesus” (BINGEMER, 2002, p. 55).

De início, observaremos que nos primórdios da Criação, não havia hierarquia entre os gêneros, mas harmonia nas relações. Com o passar do tempo, consequência de guerras e entrada de muitos povos e suas culturas e religiões, destacando-se, sobretudo, a greco-romana, o patriarcado se firma. Jesus entra nesse meio, nessa mentalidade, para transformar, pois “a *kénosis* do Verbo de Deus que se faz carne, se esvazia e não se aferra” (BINGEMAR, 2002, p. 61).

De fato, Jesus “aparece como alguém que, de diversos modos, rompe com os costumes de seu povo” (BEUTLER, 2016, p. 122). Verdadeiramente, podemos ver, através dos sinais, que as comunidades joaninas descrevem encontros de amor, pois Jesus é o Amor, por isso não teme amar e ser amado. São encontros transformadores, que se rompem em alegria, como

podemos constatar nas Bodas de Caná, o vinho é a vida nova trazida por Ele, não mais em pedras, como os dez mandamentos confiados a Moisés, mas em amor, alegria e festa para todos os que creem, a partir do mandamento “fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5).

Encontraremos também a samaritana, que confessa que Jesus é o Cristo, faz um caminho interiormente espiritual à beira do poço de Jacó, e, toda sua compreensão da messianidade de Jesus a leva a correr de alegria abandonando seu cântaro, que alegoricamente nos leva a pensar na sua vida anterior, para exercer sua missão de apóstola para os samaritanos.

Com Maria de Mágdala, a gratidão, o amor e a fidelidade revelam o protagonismo das mulheres, pois Jesus, após a sua ressurreição, aparece por primeiro a ela e lhe confia a missão de anunciar “vai, porém, a meus irmãos [...] vi o Senhor” (Jo 20,17-18). Diante disso, a Igreja do oriente sempre fez jus a grande missão de Santa Maria Madalena, como propagadora da Ressurreição de Cristo. Por sua vez, a Igreja do ocidente, com Santo Tomás de Aquino, a chama de “Apóstola dos Apóstolos”, e, a partir do Papa Francisco, sua memória litúrgica é elevada, passando a ser Festa de Santa Maria Madalena, no dia 22 de julho, em categoria litúrgica equivalente aos demais apóstolos.

Por fim, encontramos Ir. Dorothy Stang, a profetisa e mártir da Amazônia, mulher determinada, simples, doce, mas, sobretudo, amante dos “pobres, mais pobres”.

A presente abordagem parte de uma reflexão realizada ao se olhar o mundo de hoje, que grita “indiferença”, pois o individualismo e o egoísmo parecem fazer parte da rotina da humanidade. As discriminações e intolerâncias são inúmeras, seja nos âmbitos: social, de cor da pele, de gênero, de cultura, de religião, de estado civil, de escolaridade, entre tantas outras. Contudo, abordarei nesta oportunidade, especificamente, a relação de acolhimento, em todos os sentidos, das mulheres por parte das comunidades joaninas, mesmo diante daquela cultura tornada patriarcal, que se vivia. Alguns foram os temas com os quais rezei para finalmente optar por este. É vero que o senso de justiça por uma sociedade mais igualitária merece reflexão. Mas, sobretudo quando cursei a disciplina de Escritos Joaninos e aprofundei, justamente, o protagonismo das mulheres naquele Evangelho, de fato, confirmei a escolha do tema, de que é possível o acolhimento do outro, sem preconceitos ou discriminações.

A partir do protagonismo das mulheres nas comunidades joaninas, desejamos encontrar novas perspectivas e compreensões do valor da mulher, vindo a enriquecer a sociedade com suas capacidades, tanto quanto a dos homens, no sentido de complementariedade para um crescimento mútuo e social. Verdadeiramente, os diversos

testemunhos das relações dos primeiros cristãos, a partir de Jesus Cristo, somarão e apontarão caminhos de mudança e crescimento nas relações interpessoais de nossa época.

Portanto, o presente artigo pretende aprofundar o que as Comunidades Joaninas têm a oferecer, testemunhar e ensinar sobre o protagonismo das mulheres em suas comunidades, e tem como objetivos: compreender qual o papel das mulheres e suas relações nas comunidades joaninas; evidenciar a missão evangelizadora das mulheres-apóstolas nas comunidades joaninas; e, contemplar a missão das apóstolas das comunidades joaninas num testemunho feminino do nosso século.

## 2 ACENOS SOBRE O FEMININO NA HISTÓRIA ANTIGA

Olhando um pouco sobre a história antiga, no que se refere à relação do homem e da mulher, alguns autores destacam uma hierarquia não existente, num plano de igualdade entre os gêneros, sobretudo através das descobertas do sítio arqueológico de Creta (EISLER, 2007).

Pode-se destacar ainda que, entre homem e mulher, havia uma grandeza de descobertas de seus próprios dons, como também de admiração pelo mistério feminino que encantava em suas particularidades de gerar vida em todo o seu ser. Segundo Lidice Meyer (2020, p. 70):

Nas sociedades arcaicas a divisão dos papéis sexuais destinava o governo ao homem, mas a mulher era a legítima representante dos domínios da natureza. A mulher simbolizava a deusa-mãe-natureza, representante da vida e de tudo que existia, cabendo-lhe conferir ao consorte o direito de governar. Ela era a legitimadora do governo do homem nos grandes impérios do passado o que fez os casamentos por aliança política se tornarem comuns também no Oriente Médio.

Encontramos uma sociedade com relação harmoniosa entre mulheres e homens, no senso de deveres, poderes, trabalhos, famílias e religião. Realmente, as mulheres, assim como os homens, tinham voz e possibilidade de se desenvolverem no ambiente da família e também culturalmente e profissionalmente. Contudo, com o avanço dos anos e as transformações dos vários povos e culturas, assim como pelas guerras ocorridas, a hierarquia da sociedade se complexifica, o que diminui e desfavorece o papel da mulher na sociedade de outrora.

## 2.1 As mulheres no Judaísmo Bíblico

Como consequência das guerras, assim como da entrada de outros povos em Israel, sobretudo pelo avanço da cultura greco-romana, o patriarcado se consolida, acima de tudo no pós-exílio, em que “o Templo, lugar de unificação, passa a ser lugar de segregação. De casa de Deus passa a ser a casa do Rei [...] passa para as mãos dos sacerdotes que criaram normas, leis [...] Formaram uma estrutura sócio-religiosa-hierárquica exclusiva e excludente” (DIRCKSEN, 2002, p. 15), como a lei do puro e do impuro que fortalecia ainda mais a separação e o privilégio, fomentando as relações dentro do judaísmo bíblico e tornando-as mais hierarquizadas entre as classes sociais e entre os gêneros. Contudo, é bom salientar que isso não ocorreu em todo o Israel.

A antropologia bíblica, a partir do livro do Gênesis, diz que quando Deus cria o homem e a mulher à sua imagem e semelhança, é para que tenham uma vida partilhada, em que os dois sejam administradores da Criação para construir, com Deus, um mundo novo. Nesse sentido, a Congregação para a Doutrina da Fé, em sua “Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher na Igreja e no mundo”, após aprovação do papa São João Paulo II, vai dizer:

A humanidade aqui é descrita como articulada, desde a sua primeira origem, na relação do masculino e do feminino. É esta humanidade sexuada que é explicitamente declarada “imagem de Deus” [...] Desde o início, [o homem e a mulher] aparecem como “unidade dos dois”, e isto significa a superação da solidão originária, na qual o homem não encontra “um auxiliar que lhe seja semelhante” (Gen 2,20). (CARTA AOS BISPOS DA IGREJA CATÓLICA SOBRE A COLABORAÇÃO DO HOMEM E DA MULHER NA IGREJA E NO MUNDO, 2004).

Segundo Hernández, a mulher tem a missão de ajudar. A palavra “ajuda”, na língua hebraica, tem um sentido rico de significados, como auxílio, amparo, socorro e ainda “leva a descobrir o sentido profundo da dignidade da mulher, de sua importância social e [...] sua missão de transformar o mundo juntamente com o homem” (HERNANDÉZ, 1996, p. 14).

O papa São João Paulo II, em sua carta apostólica sobre a dignidade das mulheres, ressalta a verdade antropológica fundamental que traz o texto de Gn 1,27: “Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou, homem e mulher os criou”. Isso para dizer que “o gênero humano, que se inicia com a chamada à existência do homem e da mulher,

coroa toda a obra da criação; os dois são seres humanos, em grau igual o homem e a mulher, ambos criados à imagem de Deus” (MULIERIS DIGNITATEM, n. 6).

Ainda no contexto do Primeiro Testamento, uma leitura superficial da Bíblia, para alguns autores, parece ser misógina, por nela haver uma linguagem mais masculina, pois, em sua maioria, escrita por homens. Contudo, estamos longe desta linha de interpretação, pois toda a Bíblia, desde a criação do homem e da mulher, perpassando por toda a história da salvação, há a presença firme, decidida e, por que não dizer, protagonista das mulheres, seja na família, nas decisões da sociedade e na religião. É verdade que, em algumas passagens bíblicas, há o ônus de uma forte hierarquia patriarcal, em que a mulher é subjugada e até separada do homem. No entanto, ao contemplar inúmeras outras passagens do mesmo Primeiro Testamento, percebe-se a valorização da figura feminina, como algo fundamental tanto na história do povo de Israel, quanto na missão de Jesus, e, até às primeiras comunidades cristãs.

A autora Lidice Meyer (2020, p. 72) em importante artigo sobre o papel das mulheres na Bíblia, destaca a presença das mulheres em todas as épocas, de forma que nos ajuda a compreender sua importância, ao dizer que:

As mulheres estão presentes na criação do mundo, na formação do povo escolhido, na sua preservação, conquista da terra prometida, no período dos juízes, no estabelecimento do Reino de Israel, na sua divisão, no período do exílio, na genealogia de Jesus, no seu ministério, na sua morte e ressurreição e na formação da igreja primitiva.

## 2.2 O Feminino no contexto de Jesus no Judaísmo

Havia na época de Jesus um contexto marcado pelo patriarcado, herança do pós-exílio e de outras culturas, com mitos e preconceitos sobre o perigo do feminino, devido à riqueza da vida crescente e fecunda da mulher. Para o judaísmo a mulher era inferior, “primeiro por não ser circuncidada e, por conseguinte não pertencer propriamente à Aliança com Deus” (BINGEMER, 2002, p. 53). A confirmação disso era a tríplice oração rabínica do século II, na qual os homens eram gratos a Deus por não terem nascido gentio, ignorante à Lei ou mulher. De fato, o filósofo Filón de Alexandria vai dizer: “toda a vida pública com suas discussões e seus negócios, tanto na paz quanto na guerra é feita para os homens. Às mulheres, lhes convém ficar em casa e viver retiradas” (HERNÁNDEZ, 1996, p. 51).

Jesus entra nessa realidade, marcada pela ignorância do conhecimento do valor feminino, pois a sociedade e a religião de outrora traziam o foco de que a mulher era impura. Justamente, segundo Machado (2007), isso foi reforçado com a lei da pureza, segundo o livro dos Levíticos, que diz: impura por ser mulher, esposa, mãe e filha. Realmente, a mulher era tida como incapaz da vida social, religiosa, como também educacional, devia ser dependente do homem em todos os sentidos. Quanto a isso, no entanto, Quéré (1984, p. 209) afirma: “só no início do século passado é que se soube que a impureza do sangue feminino não passava de um mito [...] em suas análises clínicas, composição idêntica a daquele que corria, rubro, da ferida de um combatente!”

Em suma, a figura da mulher no tempo de Jesus, para a maior parte da sociedade da época, era, sobretudo, ser vítima de discriminação ou exclusão, pois era considerada inferior ao homem, incapaz de se relacionar na sociedade, de estudar, e seu meio ambiente era o lar, isto é, ser mãe, dona de casa e esposa.

Todavia, Jesus, fazendo a vontade do Pai, desce à condição humana, a *kénosis*<sup>5</sup>, eis que “o Verbo se fez carne no corpo da Mãe [...] no corpo da mulher e sem a participação do homem! Como quem reage a um sistema que fere a humanidade. O patriarcado fere a humanidade. Fere o corpo da mulher e do homem” (DIRCKSEN, 2002, p. 15).

Jesus se fez Homem por amor, para salvar a humanidade, por isso, a todos, sem distinção de cor, cultura, religião, sexo, saúde ou condição social. Com efeito, São Paulo, em sua carta aos Filipenses, vai dizer: “esvaziou-se a si mesmo, a assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana” (Fil 2, 7).

Portanto, é justamente neste período da história que Jesus se faz peregrino, para caminhar com as pessoas de seu tempo, “neste marco histórico de injustiça e de dominação, Jesus proclama com sua vida a vontade de Deus, que é romper todos os elos opressores e construir um mundo em que todos sejam livres” (HERNÁNDEZ, 1996, p. 51).

Por essa razão, mais à frente, contemplaremos mais profundamente Jesus em sua atenção, cuidado e sobretudo amor às mulheres, porque justamente esse é o tema proposto a ser analisado nesse artigo.

---

<sup>5</sup> “Mas aniquilou-se a si mesmo”. Do verbo grego que significa “esvaziar”. Bíblia de Jerusalém, 1973, p. 391, nota de rodapé.

### 3 COMUNIDADES JOANINAS

O Evangelho de São João foi escrito no século II, em torno de 90 d.C., depois da destruição de Jerusalém, e é marcado não por milagres, como nos sinóticos, mas por sinais a partir da sua própria estruturação, dentro das festas Judaicas. Quanto ao autor, mesmo ainda havendo interrogações por parte dos estudiosos, ficaremos com o testemunho do próprio evangelho (Jo 21,24), ou seja, de que seja o discípulo amado (Jo 13,23). Contudo, é necessário acrescentar que, por trás dessa figura do discípulo amado, havia comunidades, donde se chamar a Tradição do Discípulo Amado (SCHINELO, 2017).

A comunidade joanina é conhecedora do Primeiro Testamento, como também do judaísmo, e vivia uma transição referente à fé em Jesus, pois havia judeus cristãos que professavam a fé em Cristo e outros judeus cristãos que não, por medo da perseguição das autoridades judaicas. Pode-se conferir um exemplo disso no versículo “este é o vosso filho, que dizeis ter nascido cego? [...] quem lhe abriu os olhos não o sabemos [...] seus pais assim disseram por medo dos judeus, pois os judeus já tinham combinado que, se alguém reconhecesse Jesus como Cristo, seria expulso da sinagoga” (Jo 9, 19-22).

Este evangelho é considerado teológico, pois nele há dois eixos teológicos, a saber: o do Êxodo<sup>6</sup> e o da Criação<sup>7</sup>, numa perspectiva de releitura da Criação e da Aliança do povo de Israel na experiência da nova e eterna Aliança em Jesus.

Para Mateos e Barreto (1989), as comunidades joaninas escreveram sobre sua experiência de fé com a pessoa de Jesus. Realmente, João faz o leitor caminhar por duas sendas, a da criação, que se inicia com o prólogo, para dar o dinamismo de tempo; e a da Páscoa, com todas as festas judaicas que são citadas, para se culminar com a Hora da Cruz, Morte e Ressurreição de Jesus, seguida da vinda e presença do Espírito Santo ao mundo, pois segundo Clemente de Alexandria, este é o Evangelho espiritual (*pneumatikós*), por ser mais profundo sobre o mistério de Jesus (MINCATO, 2009). Faz lembrar a Berakah,<sup>8</sup> isto é, a bênção judaica, que é ação de graças pelos benefícios de Deus na vida do povo de Israel.

Portanto, a finalidade dos Escritos Joaninos, segundo Beutler (2016, p. 21) é “conduzir à fé em Jesus, o Cristo e Filho de Deus, e corroborar essa fé”. Em conclusão, como diz o

---

<sup>6</sup> O livro do Êxodo marca o evento principal da vida do povo de Israel com a presença de Deus “EU SOU” e João vai refletir o nome de Deus “EU SOU” em todo o evangelho. (SCHINELO, 2017)

<sup>7</sup> A Criação: Deus cria o mundo em uma semana e o Evangelho de João também, propondo uma antiga semana e uma nova semana, aquela que dá a chance de fazer um mundo novo. (Id ibidem)

<sup>8</sup> Uma forma literário-religiosa típica do povo de Israel, que quer dizer bênção. (BOROBIO, 1990, p. 42)



próprio evangelho, “foram escritos para crederes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus...” (Jo 20, 31). E podemos acrescentar ainda que é o Filho, é o Verbo na vida de todas as pessoas, mulheres e homens, desejosos de caminhar com Deus.

### 3.1 Uma genealogia divina

O início do evangelho de São João apresenta a genealogia de Jesus de forma poética, para falar da grandeza do mistério do *Logos*, o Verbo de Deus que se fez carne. Ainda vai dizer, na tradução da Bíblia do Peregrino: “no princípio já existia a Palavra e a Palavra se dirigia a Deus e a Palavra era Deus.” (Jo 1,1). Portanto, tudo foi criado com o Verbo e por meio do Verbo Divino. Nesse sentido, Santo Agostinho, em seu comentário ao Prólogo de São João, evidencia que tudo o que foi feito pelo Verbo é vida, ou seja, é vida no Verbo, se se estar no Verbo, que é a Palavra de Deus. Então, tudo é vida.

De fato, Jo 1,1 faz alusão à Gn 1,1, retomando a história, trazendo a presença de Deus desde a Criação em Gênesis, para essa nova Criação, que o prólogo de São João, que é uma síntese de todo o evangelho, quer manifestar, pois segundo Beutler (2013) “no Prólogo joanino, antes de qualquer ação de Deus, trata-se de seu ser, mais exatamente do ser do *Logos* divino: seu ser divino e sua natureza divina”.

Outro fator importante e já ressaltado por vários autores, por exemplo, no Grande Commentario Biblico de Vawter (1973), é que no prólogo se encontram os principais temas teológicos que serão desenvolvidos ao longo do evangelho, e ainda que a genealogia seja uma história de origem divina, que serão desenvolvidos no mesmo evangelho.

Portanto, “é um só e o mesmo [...] verdadeiro Filho de Deus e verdadeiro Filho do homem. É Deus, porque no princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (MAGNO, PL 54, 763-767, *Epist.* 28).

Segundo Jacques Guillet (1985, p. 30), João é fascinado pela beleza de Jesus e escreve para falar que “a glória está na Paixão [...] a paixão de Jesus é a suprema revelação de sua glória”. Com efeito, a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini* destaca que o prólogo de João dá a conhecer o fundamento do Cristianismo, ou seja, é a síntese de toda a fé cristã: “o Verbo, que desde o princípio está junto de Deus, fez-Se carne e veio habitar entre nós (cf. Jo 1, 14), e se fez Homem, no corpo da mulher Maria”.

### 3.2 Os Sinais como experiência de fé

Como vimos anteriormente, João ou a Tradição do Discípulo Amado,<sup>9</sup> escreve para que a fé em Jesus se firme ainda mais. Portanto, os sinais nesse evangelho querem manifestar e fazer crescer a fé das comunidades joaninas. Para Mateos e Barreto (1989), o “sinal é ação realizada por Jesus que, sendo visível, leva por si ao conhecimento de realidade superior”. De fato, as experiências de encontro com Jesus trazidas nesse evangelho transformam não só quem as experiencia como também a espectadora e o espectador, fazendo crer ou crescer a fé em Jesus a todos que d’Ele se aproximam, pois são experiências de amor.

Verdadeiramente, é urgente e se faz necessário, sobretudo nesse nosso tempo, experimentar o encontro de amor com Jesus, contemplá-lo, deixá-lo se revelar no cotidiano da vida, pois Ele, por primeiro, quis e veio nos encontrar, veio salvar a todas as pessoas indistintamente. No entendimento de Maria Clara Bingemer (202, p. 52):

O resultado de nossa observação nos levará a vislumbrar um homem que viveu uma especial Aliança e sintonia com as mulheres de seu tempo, que fundou uma comunidade e inaugurou um estilo de vida nos quais elas eram bem-vindas e tinham o seu lugar. Um homem que, ademais, viveu ele mesmo uma integração profunda e harmônica entre seu *animus* e sua *anima*, entre o masculino e o feminino que compunham sua humanidade.

### 3.3 A Serva do Senhor: protagonismo que transforma

Nas Bodas de Caná da Galileia, Maria já estava na festa, segundo João: “aí estava a mãe de Jesus” (Jo 2, 1). Isso poderia significar que Maria era muito próxima do casal ou da família do casal? Ainda podemos discutir as entrelinhas do texto: poderia Maria ser responsável pela festa? São reflexões possíveis, porém não há detalhes, no texto bíblico, da razão dela já estar na festa.

Contudo, o mais importante é que percebemos que suas atitudes são ativas, é a mulher comprometida, atenta, ou melhor, a protagonista das Bodas, pois é a primeira que fala no texto, sua liberdade é notória quando intervém para solucionar a falta de vinho para que a festa continue, ela diz a Jesus: “eles não têm vinho” (Jo 1,3), ao que Jesus responde pré-

---

<sup>9</sup> Pessoas ao redor de um projeto comum. A produção de João é fruto das Igrejas ao redor do lago de Maria de Magdala, as Igrejas de Betânia.

anunciando a sua hora, a Hora do mistério da sua crucifixão e ressurreição: “Que queres de mim, mulher? Ainda não chegou a minha hora” (Jo 2,4).

Esse termo usado por Jesus, “Mulher”, observa Beutler (2013), é uma inclusão com a presença de Maria aos pés da cruz (Jo 19, 26), pois lá também ela é nominada “Mulher”. Ainda, segundo Beutler (2013, p. 81), Maria “é percebida em seu papel feminino e histórico-salvífico, que transcende a individualidade”. Ela abre as portas para um viver normal de ser mulher, com capacidades e dons a serem partilhados, naturalmente partilhados na presença de Deus e de todo ser humano.

Para Dircksen (2002, p. 17), “Maria tem autonomia [...] e não espera ser autorizada. Autoriza: ‘Fazei tudo o que ele vos disser’ (Jo 2,5). O Filho, sabedor de seus poderes, compactua com ela [...]. O perfeito casamento sagrado: Mãe e Filho unidos e unindo-se para assegurar a dignidade [...] a Vida plena!”.

De fato, a Mãe é conhecedora do coração do Filho e, mais ainda, o Filho é conhecedor do coração da Mãe, que, aos pés da Cruz, se torna também Mãe da humanidade. De acordo com Tolentino Mendonça (2020), Maria soube interpretar com discernimento e sabedoria a resposta de Jesus, como sinal verde, positivo para agir.

Dessa forma, a própria Maria ensina a Igreja a interpretar o Evangelho. Como protagonista, ela procura os serventes, ou segundo o texto grego, *diakonois*, os diáconos, e lhes diz: “Fazei o que ele vos disser” (Jo 2,5). Com efeito, a obediência é imediata, antes de tudo do Filho e depois dos diáconos.

Jesus manda encher as talhas de água, essas mesmas talhas que serviam para a purificação dos judeus, e, em seguida que tire um pouco e leve a quem de direito devia provar por primeiro, ou seja, o mestre-sala ou o anfitrião da festa, o qual fica realmente admirado com a qualidade do vinho, isto é, por ser o melhor.

E o que dizer sobre as talhas de pedra e da água que se torna vinho? Vários autores acentuam que as talhas eram para purificação dos judeus, mas se torna vida e passagem do Primeiro Testamento para o Segundo Testamento, através desse primeiro sinal de Jesus, pois a Lei escrita em pedra se transforma na abundância do vinho que não mais há de faltar, isto é, não mais talhas de pedra, mas de vida, do *Kairós*, o tempo messiânico.

Verdadeiramente, o testemunho da relação de Jesus com Maria nessa festa de casamento é de igualdade, de liberdade, eles dialogam e agem juntos em favor da comunidade.

Aqui ainda se entrevê o mistério da cruz, segundo Quéré (1982, p. 185), pois “aquela que o fez nascer, dirige-o até o túmulo. O vinho da euforia vai-se transformando em sangue [...] Maria gerou Jesus; agora, ela gera Cristo”. Portanto, não há mais necessidade de purificação, uma vez que Jesus mesmo purifica, faz talhas de pedra se tornarem vida, na vida das pessoas. Afirma Dirksen (2002, p. 18):

A partir do reconhecimento da dignidade de Maria como mulher, o prazer e a alegria voltam ao corpo de todas as mulheres. A Lei do Templo, machista e massacrante, é contestada publicamente quando a água que servia para a purificação dos judeus é transformada em vinho para festa e alegria do povo!

Maria, então, desaparece de cena, pois sua missão é não deixar que a festa, a alegria do amor em estar com o noivo, cesse, pois que o protagonismo da mulher é agir no essencial, que faz o que está fora de si ou a quem está fora de seu ego crescer, se desenvolver.

Em suma, Maria abre o caminho de seu filho Jesus com este primeiro sinal, como o próprio texto diz, para manifestar a glória de Jesus, o Verbo, a Palavra de Deus que se fez carne para habitar no meio da humanidade.

Por certo, é no momento da crucifixão que Jesus mesmo a confirma luminosamente, como sinal de seu amor pela Igreja ali nascida da cruz. Tolentino (2020, p. 2) em síntese diz:

Maria mostra ter conhecimento da nossa realidade (realidade sempre frágil, sempre ameaçada pelo malogro e pela escassez), ter conhecimento profundo de quem é Jesus, e saber como fazer para que a glória de Jesus se manifeste na história. Estas três coisas explicam continuamente o lugar de Maria, nossa Mãe, na peregrinação que o Povo da Nova Aliança faz no tempo.

A partir daí, Maria se torna e é modelo perfeito daquela que crê em Jesus, por isso, a discípula, modelo perfeito de amor à humanidade, e ainda, modelo perfeito de intercessão para todos aqueles que creem ou que suplicam seu auxílio, sua proteção, seu amor de Mãe.

#### **4 AS MULHERES-APÓSTOLAS NAS COMUNIDADES JOANINAS**

A princípio, as mulheres-apóstolas nas comunidades joaninas marcam um caminho de renovação numa mentalidade patriarcal e hierárquica, a partir sobretudo daquelas que, de

sorte fé, conviveram e fizeram experiência de seguir Jesus, de crer e por isso, se deixar transformar pela fé em Jesus de Nazaré.

Bingemer (2002, p. 55) diz que “Jesus, com sua práxis libertadora, na relação com as mulheres [...] proclama uma antropologia integrada, que valoriza o ser humano em sua dimensão de corpo animado pelo sopro divino”.

Diante disso, é notório o cuidado, o respeito, a proximidade, a confiança e a obediência, mas, acima de tudo, o amor que Jesus manifesta pelas mulheres, sejam suas discípulas, sejam aquelas curadas por ele.

Como os apóstolos, também elas são chamadas e enviadas por Jesus a anunciar a Boa Nova. Segundo Barreto (1989, p.199-220):

A Maria, em Caná, destaca sua fidelidade à aliança antiga, e com seu pedido aos serventes “Fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2, 5) chama os discípulos a serem fiéis à nova aliança que o Messias inaugurará em “sua hora”. À Samaritana, num encontro pessoal, em sua solidão curando-a das idolatrias e enviando-a como anunciadora de Boa Nova. Já à Maria de Mágdala, a representação da nova comunidade que nasce da cruz e do encontro no sepulcro como início de uma nova humanidade e a envia a anunciar aos discípulos, que tinha visto o Senhor.

#### 4.1 Uma mulher samaritana

Um encontro transformador no Poço de Jacó dá início à vida pública de Jesus Cristo e paradoxalmente esse começo se dá na comunidade dos samaritanos, outrora dois povos em que havia uma relação de conflito – judeus e samaritanos. No comentário-paráfrase de Konings (2019, p. 26), apresenta-se a origem desse desentendimento:

No fim do reinado de Salomão, as tribos do norte (chamadas Israel ou Efraim) revoltaram-se (1Rs 12). O rei Amri construiu a capital Samaria (1Rs 16,24). Depois da queda de Samaria, em 722 a.C., parte da população foi deportada pelos assírios e suas terras foram ocupadas por populações estrangeiras (2Rs 17). Depois que os judeus de Judá voltaram do exílio babilônico, por volta de 530 a.C., houve rivalidade pela hegemonia na região. O cúmulo foi a destruição do templo samaritano no Garizim (construído por volta de 300 a.C.), em 128 a.C.

Por conseguinte, ao contrário dos judeus que evitavam passar pela Samaria, Jesus, judeu, mas livre de preconceitos, se demora ali no poço de Jacó. Cansado da viagem, sedento,

Ele, que é a fonte da vida, pede água a uma samaritana. Beutler (2016, p. 116) diz que “sobre o pano de fundo de outros textos do Quarto Evangelho, a sede de Jesus pode ser entendida também como expressão de sua sede pela salvação da humanidade”. Então, se inicia um diálogo entre um judeu e uma samaritana, num encontro repleto de significado, que nas palavras de Schinelo (2017, p. 14):

O encontro se dá na terra da mulher, a Samaria. O estrangeiro e diferente na história é Jesus. É ele que, exausto, no calor do meio-dia, sente fome e sede (Jo 4,6). Ele sequer tem um balde e, por causa da profundidade do poço (Jo 4,11), necessita da ajuda da mulher: Dá-me de beber (Jo 4,7). A arrogância e a prepotência de correntes de um judaísmo excludente são colocadas em xeque: todo mundo precisa de ajuda!

De início, a conversa se dá num nível de necessidade básica – a sede, pois Jesus estava sedento e cansado, depois de uma longa caminhada. Ele inicia o diálogo e, em resposta, a samaritana ainda bloqueada pelos preconceitos da época, não se nega a dar-lhe de beber, mas o questiona corajosamente.

A samaritana segue o caminho proposto por Jesus através de um colóquio profundo à beira do poço de Jacó. Ela expressa suas dúvidas, desejosa e aberta por aprender daquele peregrino a verdade sobre o mistério da água, da fonte que jorrará eternamente, da promessa messiânica. Pergunta ela a Jesus: “como, sendo judeu, tu me pedes de beber, a mim que sou samaritana?” (Jo 4,8). E, ainda diz: “Senhor, nem sequer tens uma vasilha e o poço é profundo [...] És, porventura, maior que o nosso pai Jacó?”

Beutler (2016, p. 119) observa que a partir do versículo 19, quando Jesus a envia e toca a sua vida pessoal para que volte trazendo seu marido – diz Jesus “tivestes cinco maridos<sup>10</sup> e o que agora tens não é teu marido (Jo 4,17) –, é a mulher quem toma a iniciativa e lança perguntas, as quais Jesus prontamente responde. Nisso se percebe o papel progressivamente mais ativo da mulher samaritana”.

A partir daí, da transformação da posição da mulher, Jesus se dá a conhecer: “Sou eu, aquele que te fala” (Jo 4,26), aquele que fala a uma mulher samaritana, desconhecida, mas sobretudo, uma mulher com uma profunda abertura de coração, pois dialoga com sabedoria e desejo de compreender quem era aquele homem judeu que lhe falava sobre o dom de Deus, sobre a água viva, sobre a fonte de água e, ainda, sobre o como se deve adorar a Deus.

<sup>10</sup> Os cinco maridos corresponderiam aos cinco deuses introduzidos na Samaria depois da conquista assíria de 721.

Nesse sentido, Schenk (2011, p. 29) vai dizer que “o autor joanino também mostra que Jesus se alimentou com a conversa teológica e a subsequente conversão da mulher samaritana: ‘Eu tenho um alimento para comer, que vós não conheceis’” (Jo 4, 32).

Com efeito, aos poucos ela mesma, inspirada por Deus, professa como Marta, a diaconisa, uma profissão de fé: “como Marta, ela pronunciou as palavras do Credo. Chamou-o judeu, depois Senhor, depois profeta, e agora ressoam as palavras certas: Messias e Cristo” (QUÉRÉ, 1984, p. 151).

A Samaritana traz um protagonismo não de heroína, mas de figura determinante, líder motivadora, “uma missionária, Apóstola entre seu povo” (SCHINELO, 2017, vídeo-aula) que a partir da sua experiência com Jesus, pois Ele mesmo diz quem ele é: “Sou eu, que falo contigo” (Jo 4,26).

Nas palavras de Beutler (2016, p. 122) o “Taheb”, o Messias “vindouro” dos samaritanos, mas também o Messias dos judeus; e logo mais ele se revelará como o “salvador do mundo”, como o proclamarão os samaritanos depois do encontro com ele (verso 42).

Ela é evangelizada e, com alegria, desprende-se de seu cântaro e se torna uma propagadora, evangelizadora da Boa Nova ao seu povo. Uma adoradora “em espírito e verdade”, como anuncia o próprio Jesus.

## 4.2 A Apóstola dos Apóstolos

As palavras e o testemunho convicto de Maria Madalena: “vi o Senhor” (Jo 20, 18), expressam o protagonismo das mulheres no interior das comunidades joaninas, onde discípulas e discípulos continuavam a ser formados nos ensinamentos de Jesus, o Messias. Outrora, todas e todos, aos pés de Jesus, e ora com o testemunho e a convivência recíproca, na unidade daquilo que era mais importante, o anúncio da ressurreição de Senhor.

Nos primeiros séculos, Maria Madalena ou, em aramaico, Maria de Magdala, foi confundida com Maria de Betânia, aquele que unge os pés de Jesus (Jo 12,1-11), como também confundida com a adúltera (Lc 8, 1-11). De fato, em algumas homilias dos Padres da Igreja, sobretudo a mais conhecida delas, de São Gregório Magno (540-604) sobre o perdão, ela foi identificada como uma prostituta. Isso ocorreu na Igreja do Ocidente, ao passo que no Oriente, ela sempre foi reconhecida como a primeira a testemunhar a Ressurreição do Senhor. Nas palavras de Schenk (2011, p. 26-27):

Maria de Magdala se tornou conhecida no Ocidente não como a forte mulher líder que acompanhou Jesus através de uma morte tortuosa, que testemunhou por primeiro a sua Ressurreição e proclamou o Salvador Ressuscitado à Igreja primitiva, mas como uma mulher devassa com necessidade de arrependimento e de uma vida de penitência escondida (e de preferência em silêncio). Curiosamente, a Igreja Oriental nunca a identificou como uma prostituta, mas honrou-a ao longo da história como “a apóstola dos apóstolos”.

Todos os Evangelhos citam Maria e para identificá-la usam o complemento “Madalena” ou Mágdala, cidade próxima ao Mar da Galileia. Schenk (2011) diz que as mulheres no judaísmo palestino do I século dificilmente eram apresentadas em destaque e quando isso acontecia, era a partir de um parente do sexo masculino da família.

No entanto, Maria de Mágdala é denominada por seu povoado de origem. Por isso, vários especialistas bíblicos acreditam ser ela uma mulher rica e de recursos independentes. A arqueóloga Zapata-Meza, em uma entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos (2016), destaca, a partir da arqueologia, a economia da cidade e a pureza física e espiritual:

A vida cotidiana da população da antiga Taricheae (Magdala) durante a sua ocupação no século I [...] era um povoado portuário com atividades relacionadas com a pesca, a salga do pescado e sua conservação, além de atividades comuns, como a preparação, moagem e armazenamento de diversos alimentos [...] No entanto, podemos falar do quarto de banho de purificação ritual descoberto em 2015. Essa descoberta nos leva a compreender que essa sociedade dava um valor agregado à água como fonte de vida. A água que alimenta os banhos de purificação rituais é de origem subterrânea (mananciais). Essa característica torna Magdala um lugar único e especial em termos de pureza física e espiritual [...] as mulheres de Magdala deveriam ter mantido a união familiar, sendo os pilares da casa [...] No entanto, depois de ser libertada de sete demônios, algo muda na sua vida, que a faz seguir Jesus e se converter na apóstola dos apóstolos.

Ao contemplar o encontro de Jesus com Maria Madalena no sepulcro, usaremos a estrutura citada por Beutler (2016, p.456), pois ele apresenta duas formas de estruturar a secção de Jo 20, 11-18, em três unidades distintas, a saber:

Maria de Mágdala junto ao sepulcro em diálogo com os dois anjos, vv.11-13; Maria de Mágdala encontra Jesus, v. 16  
Maria de Mágdala enviada por Jesus, vv. 17-18 [...] Sandra M. Schneiders organiza a secção segundo três fases no caminho espiritual de Maria de Mágdala, cada vez expressas por um particípio: Maria de Mágdala chora



(klaíousa, v. 11); Maria de Mágdala se volta (strapheísa, v.16); Maria de Mágdala anuncia (aggéllousa, v. 18)

Esse relato da comunidade joanina nos apresenta que Maria Madalena, discípula fiel, ainda abalada com a crucifixão de Jesus, vai de madrugada ao sepulcro para chorar o seu Senhor. Ao encontrar o sepulcro aberto e vazio, corre em desespero para falar com os discípulos e todos ficaram sem nada compreender. Mas ela permanece no sepulcro até encontrar uma resposta. Chora o seu Senhor, dialoga com os anjos para saber onde estava o corpo do seu Senhor, no que é comparada, por alguns autores, à amada do Cântico dos Cânticos (3,2) quando diz: “levaram o meu Senhor e não sei onde o colocaram” (Jo 20,13).

De fato, o seu permanecer favorece o encontro com Jesus. Ela o reconhece porque Ele a chama pelo nome, ao que ela responde chamando-o de Mestre, como discípula fiel que experimentou a misericórdia e o amor de Jesus por ela.

Beutler (2016, p. 457), em sua análise, vê como um processo que pode ser considerado de crescimento:

na primeira fase, Maria de Mágdala é tomada inteiramente por seu luto e incapaz de entender a ressurreição. Na segunda fase, ela “se volta”, não só física, mas também espiritualmente, e se torna capaz de reconhecer Jesus. Na terceira fase, ela passa a ser mensageira para os apóstolos.

A grande luz do dia traz consigo o Ressuscitado, Jesus, a quem Maria Madalena pode tocar, mas não segurá-lo, pois Jesus lhe diz que ainda não havia subido para o Pai. Portanto, “Jesus está no ponto de subir para junto do Pai (anabaínein) e de abrir aos discípulos o acesso para lá” (BEUTLER, 2016, p. 458).

Maria Madalena é protagonista da cena do sepulcro, não por desejo próprio, mas por seu amor e fidelidade, porquanto, como discípula, todo seu ser se abre através da audição, pois escuta-o não mais chamá-la “anonimamente de mulher”, como observa Konings (2019, p. 86), e sim, com seu nome próprio, em aramaico: *Mariame*. De fato, o pastor chama as suas ovelhas pelo nome (Jo 10,3).

#### 4.3 A profetisa e mártir da Amazônia

Irmã Dorothy Stang nasceu em Ohio nos Estados Unidos em 1931. Em 1948, recebeu o chamado de Deus e ingressou na Congregação Notre Dame de Namu, seguindo assim a

vocação religiosa. Ali cresceu seu amor por Jesus, como também pela humanidade e por toda obra da criação, valores esses trazidos da família.

O Brasil, sua terra de missão, ganhou seu coração em 1962, quando chegou em Coroatá no Maranhão com sua comunidade, pois os pobres eram o seu amor.

Após oito anos de dedicação, deixa a comunidade que então já caminhava com os próprios pés. Em 1966, a comunidade segue para a Prelazia Xingu, onde aquela mulher de oração, doce, simples, amiga, determinada, da qual emanava uma luz, segundo testemunhos da comunidade local, defendia os direitos dos pobres, mais pobres. Nas palavras do bispo emérito da Diocese de Xingu, Dom Erwin Kräutler, quando Ir. Dorothy o procurou em 1982 e ele perguntou a ela sobre sua perspectiva de missão, ela lhe respondeu: “quero trabalhar entre os pobres, mais pobres”, ou seja, os preferidos de Deus.

O bispo ainda a advertiu que era uma missão muito desafiadora com risco de malária, fome e sem transportes, ao que ela respondeu: “me deixa tentar”. Realmente, ela cumpriu até o fim sua missão de amor e doação a serviço dos pobres, mais pobres, ou seja, dos indígenas habitantes há doze mil anos daquela região, portanto, os primeiros habitantes dessa terra. A partir de então, ela foi para Anapu, com o desejo de semear o Amor e a Boa Nova do Reino de Deus, que é de justiça e paz.

O protagonismo de Ir. Dorothy, como testemunha Maria, foi levar esperança e a Boa Nova de que era possível viver na Amazônia, compreender a importância da natureza na vida das pessoas, e como era possível às famílias se desenvolverem com dignidade sem destruir a floresta.

Ir. Dorothy era uma mulher determinada e sua fonte de vida era Jesus, diz:

o Evangelho de Jesus Cristo me incentiva a viver num mundo de partilha, nós nos amamos uns aos outros, nós nos amamos de maneira benevolente para que cada um possa partilhar de maneira justa os presentes que lhe são dados. Por que não existem mais pessoas que partilham da criação no nosso planeta? Eu penso que nós devemos mudar muitas coisas em nosso modo de vida, para que nós possamos ter um mundo e um planeta mais saudáveis. Nós devemos aprender a ver o necessário em nossas vidas e não nos perguntarmos o que eu quero, mas sim o que eu preciso (<https://www.youtube.com/watch?v=UVxL12aWuG8&t=579s>).

Outros valores do protagonismo e do serviço de Ir. Dorothy, que desabrocharam do amor a Jesus e a seu Reino, como citados acima, eram: direito à terra, à educação, à igualdade

de gênero e de estabelecer os projetos de desenvolvimento sustentável. Tudo isso, claro, despertou a ira dos poderosos e a conduziu ao martírio.

No dia 12 de fevereiro de 2005, quando estava a caminho do povoado Boa Esperança, levando consigo, como sempre, sua Bíblia, teve sua vida ceifada por matadores de aluguel e sua resposta é de um coração gênero, puro que batia com o coração de Deus, da mesma forma que os testemunhos da samaritana e de Maria de Mágdala. Assim, seu último canto foi rezar as Bem-Aventuranças (Mt 5, 1-12).

O Papa Francisco, na Exortação Apostólica Querida Amazônia (2020, n. 102), diz: “Não podemos deixar de incentivar os talentos populares que deram às mulheres tanto protagonismo na Amazônia”. Realmente, a luz do Ressuscitado exorta a todas e todos a serem de fato, irmãs e irmãos que caminham já na terra prometida, partilhando de todos os seus dons na justiça e na paz. O contemporâneo testemunho de Ir. Dorothy Stang, profetisa e mártir, amiga de Deus e da Amazônia, é um tesouro precioso para o mundo e para toda a Igreja.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como diz o Papa Francisco na exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia (2020, n. 99), “a força e o dom das mulheres” firma e compreende a vontade de Jesus e seu testemunho de amor, de misericórdia e confiança no protagonismo das mulheres.

Portanto, a partir da experiência de amor misericordioso, que cada mulher aqui abordada fez com Jesus, obteve como resposta a fidelidade até a Cruz, o amor-doação, que o acompanharam até o Sepulcro e à Ressurreição.

Maria é a mulher que, por primeiro, abre o livro dos sinais para iluminar o novo tempo, o *kairós* na história da salvação. A alegria que começa nesse primeiro sinal perpassa todos os outros sinais de encontro com mulheres, que passam a ser discípulas, apóstolas e missionárias da Ressurreição do Senhor. Aqui, refletimos somente sobre as Bodas de Caná, o encontro com a samaritana e sobre Maria de Mágdala, mas a lista é infindável.

É necessário compreender bem a experiência que Jesus faz nas comunidades joaninas, onde discípulas e discípulos são protagonistas do anúncio da Ressurreição, pois como observa Bingemer (2002, p. 63): “a comunidade cristã, formada por homens e mulheres, dá continuidade à identidade desse Cristo total, realizando – assistida pelo Espírito Santo – a libertação plena do cosmo e da humanidade”.

Em síntese, a partir dos testemunhos de algumas mulheres das comunidades joaninas, se conclui pela fé na igualdade de gênero, na libertação dos preconceitos que limitam o ser humano a viver apenas para si, e o impede de caminhar na luz do Ressuscitado, que valoriza todo ser humano e todo o ser criado.

Por conseguinte, os sinais de fé que percorremos neste artigo podem possibilitar a experiência de Encontro com o Senhor, que nos fará deixar as talhas de pedra, o cântaro e o choro, para experimentar a alegria do amor misericordioso de Jesus por cada ser humano.

## REFERÊNCIAS

ANDERY, Maria Amália Pie Abib *et al.* **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. 9. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; São Paulo: EDUC, 2000.

AZEVEDO, Fernandes. **Vozes que desafiam**. Dorothy Stang, profetisa e mártir da Amazônia. Revista do Instituto Humanitas Unisinos; Mulheres na Igreja, vozes que desafiam, outubro de 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/593631-vozes-que-desafiam-dorothy-stang-profetiza-e-martir-da-amazonia>. Acesso em: 19/03/2021.

BARRETO, Juan; MATEOS, Juan. **Vocabulário Teológico do Evangelho de São João**. São Paulo: Paulinas, 1989.

BINGEMER, Maria Clara. **Experiência de Deus em corpo de mulher**. Coleção leituras e releituras, V. 10. São Paulo: Loyola, 2002.

BROWN, Raymond E. **A comunidade do discípulo amado**. São Paulo: Paulinas, 1984.

DIRCKSEN, Nilva Israel. **Maria, minha mãe...** Nasci Mulher, é suficiente. Algumas reflexões mergulhando em Jo 2,1-12. Estudos Bíblicos. Petrópolis: Vozes, 2002 (v.75).

DODD, Charles Harold. **A interpretação do quarto evangelho**. São Paulo: Paulinas, 1977.

EISLER, Riane. **O cálice e a espada: nosso passado, nosso futuro**. Tradução de Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2007.

FELDMAN, Sérgio Alberto. **A mulher na religião judaica** (período bíblico: primeiro e segundo templos), MÉTIS: história & cultura, Rio Grande do Sul, v. 5, n. 10, pp. 251-272, jul./dez. 2006.

GUILLET, Jacques. **Jesus Cristo Evangelho de João**. Cadernos Bíblicos. São Paulo: Paulinas, 1985 (v.31).

HERNÁNDEZ, José M. **Suas filhas profetizarão: Papel da mulher no projeto de Deus**. 1996. São Paulo: Paulinas.

HIPONA, Agostinho. **Commento al Vangelo di San Giovanni**. Disponível em: [https://www.augustinus.it/italiano/commento\\_vsg/index2.htm](https://www.augustinus.it/italiano/commento_vsg/index2.htm). Acesso em: 15/04/2021.

JOÃO PAULO II, **Carta Apostólica Mulieris dignitatem** (15 de agosto de 1988), 6: AAS 80 (1988), 1664. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/1988/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_19880815\\_mulieris-dignitatem.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_apl_19880815_mulieris-dignitatem.html). Acesso em: 30/04/2021.

JUNGE, Daniel. **Documentário Mataram Irmã Dorothy**. Produção de Daniel Junge. Estados Unidos da América, 2008. Vídeo, 43:16 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UVxLl2aWuG8&t=579s>. Acesso em: 24/05/2021.

MENDONÇA, José Tolentino. **Os que estavam servindo sabiam**: Homilia na solenidade da Mãe de Aparecida. Pontifício Colégio Pio Brasileiro, 11 maio de 2020. Disponível em: <http://www.piobrasileiro.com/site/wp-content/uploads/2020/10/Tolentino.pdf>. Acesso em: 10/05/2021.

RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. **O papel das mulheres na Bíblia**: Protagonistas ou Coadjuvantes? AD AETERNUM. Revista de Teologia. Nº. 0 (2020) pp. 68-85.

SCHINELO, José Edmilson. **Universidade Católica Dom Bosco** (Vídeo): Escritos Joaninos e Apocalipse. 2017. Vídeo instrucional.

QUÉRÉ, France. **As mulheres do evangelho**. São Paulo: Paulinas, 1984.

Maria de Magdala “Apóstola dos Apóstolos”. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. N. 489, Ano XVI, julho de 2016. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao489.pdf>.

*Recebido em: 30 set. 2021*  
*Aprovado em: 30 out. 2021*